

TEXTO DE APRESENTAÇÃO - IOLE DE FREITAS

Não é por acaso que espelhos, como janelas, apareçam tão frequentemente na arte. Recentemente, a câmera se transformou na moderna substituição do espelho no qual as mulheres através do tempo se referiam <sup>em</sup> e especulam ansiosamente, antes de confrontar o mundo. Iole de Freitas usa o duplo movimento de câmera e espelho para refletir um EU duplamente distanciado. Ela aparece em fragmentos, examina seu corpo no microcosmo antes de reconstruí-lo macroscopicamente como arte. Ela se concentra em focalizar no que vê, focalizando as partes para chegar ao todo, nas relações da parte com o todo, na percepção interna/externa do EU no espelho onde uma pessoa se olha de dentro do corpo para o reflexo deste corpo como objeto numa superfície externa. O espelho é, o que implica em transparência mas não é transparente; nem é realidade porque o mundo visto nele é invertido, abrindo a possibilidade de enxergar a si mesmo como os outros o vêem. O espelho então, manda o EU de volta para si mesmo.

Tendo descoberto seu corpo como bailarina, Iole de Freitas pode manobrá-lo com tranquilidade e senso estético. Não é um brinquedo. É um instrumento manipulado não por um amador, mas pelo próprio criador, através da lente da câmera. Por fragmentação, por ver-se pedaço por pedaço, ela é capaz de recriar-se e de evocar movimento com um meio estético sobre o qual tem perfeito controle. A tensão visual e psicológica onde o trabalho mergulha, separa sua arte da "body-art" de tendência minimalista, onde a foto é usada mais para ilustrar que para transformar. Quebrar um espelho pode ser visto metaforicamente como um quebrar-se e sair da casca, de convenções. A faca é um símbolo de liberdade. Na verdade ela o utiliza como um objeto inócuo; sua relutância em segurá-lo pode ser vista como sexual, ou como uma maneira menos agressiva de combater o medo da mulher pela faca, ao controlá-lo de um modo críptico. Como a faca de duas lâminas da Grande Deusa. No uso da faca Iole de Freitas evoca a dor e une potencial, purificação e ritual. Este duplo fio assegura a intensidade do trabalho. A faca

representa mais exorcismo que masoquismo. É um símbolo de liberdade... Iole de Freitas estaria transando a sua parte negativa que ela gostaria de evitar. Dividindo-se em masculino/feminino? Cometendo um ritual de auto-sacrifício? Por sua ambiguidade.

Acho particularmente interessante a resposta de Henry Martin para Head/Feet (uma faca atravessando um tecido branco em duas direções: estes trabalhos perturbam muito para uma explicação simples).

"Todos aprovam a liberação da mulher mas normalmente temos preconceitos contra as modalidades e direções que esta liberação deve tomar. O trabalho de Iole de Freitas manifesta uma pertinência para explorar a perversidade que não era esperada." (Art International, May, 1975)

Extrato do livro "Iole de Freitas" - Lucy Lippard

Extratos do ensaio: "Iole de Freitas, a Imagem Multiplicada."

"GLASS PIECES, LIFE SLICES"  
CACOS DE VIDRO, FATIAS DE VIDA

EU, O CENTRO,  
FIXADA  
NUM EIXO,  
GIRO EM TORNO  
DE MIM MESMA  
- COMO UMA BAILARINA -  
OS PÉS  
FIXADOS  
NUM PONTO NA TERRA.  
A PARTE SUPERIOR  
DO CORPO  
SE MOVE  
PRESA NUM EIXO,  
ENQUANTO A CÂMERA  
ESCORREGA  
SOBRE O CORPO  
NUM MOVIMENTO  
LONGITUDINAL. *1/2" vertical.*  
PARTINDO DOS PÉS,  
SOBE  
ATÉ A CABEÇA  
E CAI  
PELAS COSTAS.  
PERSEGUE O CORPO  
ATÉ O ÂNGULO  
DE UM BRAÇO.  
CHEGA ÀS MÃOS  
DAÍ MERGULHA  
ATÉ O CHÃO.  
A IMAGEM É DELIMITADA,  
BLOQUEADA,  
O CORPO FECHADO

APRISIONADO  
POR UM CÍRCULO  
DE SETE ESPELHOS.  
ABAIXO  
A IMAGEM  
ATRAVESSA  
A LINHA DA TERRA,  
UM PÉ SE LEVANTA  
ROMPE  
A RIGIDEZ  
DO CORPO-TROICO  
SOBREVOA CADA ESPELHO  
COMPLETANDO O  
CÍRCULO.  
DE REPENTE  
O CORPO SE FREGA,  
A MÃO MERGULHA,  
LEVANTA UM ESPELHO.  
A IMAGEM REFLETIDA  
INVADE A SUPERFÍCIE,  
OCUPA O FOTOGRAFIA  
BATE NO ROSTO,  
ESCONDE O  
RESTO DO CORPO  
RETALHADO,  
REPETIDO,  
ESFACELADO,  
EM PEDAÇOS DE ESPELHO.  
AS IMAGENS ENGOLIDAS  
INICIAM  
UMA VIAGEM  
DENTRO DE MIM.